

O PAPEL DA EDUCAÇÃO ESCOLAR NA FORMAÇÃO DE NOVOS HÁBITOS CULTURAIS NO ANTIGO DISTRITO FEDERAL ANOS 30

Miriam Waidenfeld Chaves¹ (Faculdade de Educação, Universidade do Brasil – UFRJ)

RESUMO

Este texto tem como objetivo ressaltar que a implantação de um projeto de modernização nacional, nos anos 30, pressupõe, tanto uma discussão acerca da questão nacional quanto uma reflexão sobre o clima cultural do Rio de Janeiro e de suas escolas que, na época, colaboram para a viabilização deste intento. Nesse sentido, procurar-se-á chamar a atenção para o papel que a reforma educacional anisiana, através da Escola Argentina, desempenha no sentido de tornar o Rio de Janeiro um importante pólo irradiador dos valores exaltados por esse mesmo projeto de modernização nacional.

Palavras-chave: nação - Rio de Janeiro - Escola Argentina - processo civilizador, anos 30.

ABSTRACT

This paper argues that the implementation of a national modernization project in the 1930s presupposed the debate on national issues and the reflection upon the cultural environment in Rio de Janeiro, to which end the collaboration of mainstream schools was vital. This paper highlights the role played by Escola Argentina within the Anisian educational reform to turn Rio de Janeiro into the value-generating center of this national modernization project.

Key-words: nation - Rio de Janeiro - Escola Argentina - civilizing process - the 1930s.

¹ * Miriam Waidenfeld Chaves é Doutora em Educação pela PUC-RJ. E-mail: miriamfeld@terra.com.br

Uma reflexão sobre a educação escolar no antigo Distrito Federal, nos anos 30, exige que se leve em consideração as transformações sociais e culturais pelas quais a nação atravessava naquele momento. Impõe que se parta da idéia de que a escola, a cidade do Rio de Janeiro e a nação organizam-se em variadas dimensões sociais, onde alguns de seus setores articulam-se em torno de um projeto de modernização que se materializa por meio de consensos, mas, também, de muitas disputas.

Através do conceito de ambiência (Gomes, 1999) é possível entender que aqueles espaços, enquanto espaços de sociabilidade, buscavam, através de variadas estratégias, homogeneizar os comportamentos tendo como fim à implementação de um projeto nacional. A escola e a cidade passariam, então, a ser entendidas como lugares de aprendizado... [e] de fermentação e circulação de idéias (p.20). Seriam percebidas enquanto arenas sociais. Espaços dotado[s] de variados e até contraditórios sentidos sociais, que convivem lado a lado, tendo sido construídos e consolidados ao longo do tempo (p.23).

O que se está querendo afirmar é que, durante os anos 30, alguns setores hegemônicos, dentro desses espaços de sociabilidade, procuraram cumprir uma função educativa que tinha como objetivo estender as suas idéias para além dos limites de suas fronteiras a fim de que a nação pudesse ser civilizada para, definitivamente, entrar para o rol dos países desenvolvidos.

Esta é a hipótese deste texto, composto por duas partes. A primeira mostrará que o projeto de modernização a ser implantado pressupõe, tanto uma discussão acerca da questão nacional e das disputas que se travam em torno deste problema quanto uma reflexão sobre o clima cultural do Rio de Janeiro que, na época, contribui, de modo especial, para a viabilização deste intento. A segunda ressaltará o papel que a educação escolar do antigo Distrito Federal nos anos 30, através da reforma anisiana, desempenha no sentido de tornar o Rio de Janeiro um importante pólo irradiador dos valores exaltados por esse mesmo projeto de modernização nacional.

Entretanto, cabe ainda fazer duas considerações de ordem metodológica. A primeira delas é que esta análise acerca do papel da educação escolar, na gestação de um novo projeto de modernização nacional na Capital Federal, será feita sob a ótica de uma de suas escolas experimentais – Escola Argentina – criada por Anísio Teixeira, na primeira metade dos anos 30 que, ao fomentar um novo ethos social e cultural,

desenvolve-se de acordo com os novos padrões de modernidade. A segunda é que se está partindo da hipótese de que a ambiência cultural desta escola transcende as suas salas de aula. Ou seja, a Escola Argentina deve ser entendida como parte de uma rede (Elias, 1994) que, ao mesmo tempo em que influencia as demais escolas de sua cidade, as conecta aos planos mais gerais da nação, na medida em que suas práticas pedagógicas desenvolvem-se em sintonia com os projetos de modernização da República.

Portanto, os valores sociais e culturais, tanto da escola quanto da cidade e da nação, encontrar-se-iam ligados, possibilitando que fermentassem um ideário que tinha como intuito civilizar esses mesmos espaços sociais. Além disso, pelo fato de a Escola Argentina ser entendida como um território intermediário, que não se limitaria a reproduzir nem os ideais nacionais nem os sonhos de Anísio Teixeira, seu idealizador, estruturar-se-ia como um “pequeno mundo” que, de maneira própria, contribuiria para a regeneração e moralização dos espaços de sociabilidade que a ela estivessem conectados.

1-A questão nacional: as marcas da modernidade

Em primeiro lugar, a idéia de nação é aqui interpretada não como algo dado e acabado, mas como uma construção histórica que foi adquirindo vários sentidos até fixar-se no século XIX, como uma nação-Estado. Envolve, ainda, a idéia de um corpo político e social que se estabelece, a partir de um centro de poder, que congrega os seus habitantes – cidadãos – em torno de alguns mesmos valores (Hobsbawm, 1998). Entretanto, junto com essa definição de nação como uma comunidade política, está implícita a idéia de que também é uma comunidade imaginada (idem), que objetiva preencher um vazio emocional dos indivíduos que, em função da desintegração das redes de comunidades existentes anteriormente, vêm-se obrigados a criar um outro sistema de integração que lhes garanta o mesmo sentimento de pertencimento de antes. Nesse sentido, a nação também pode ser vista como um espaço de socialização. Como um “pequeno mundo” onde os indivíduos são educados a partir de certas regras de comportamento que expressam as formas de pensar, sentir e agir desse “mundo” a que pertencem.

Em segundo lugar, é necessário salientar que a nação-Estado, ao pretender legitimar uma dada construção social da realidade consolida-se, pelo menos, em dois níveis: a) através da criação de um corpo político-burocrático que, paulatinamente, materializa um projeto nacional, que é tecido em função da correlação de forças entre as frações e os grupos sociais dominantes, e entre esses e o Estado; b) por meio de um pensamento social elaborado pelas elites intelectuais, que fabricam diferentes versões a respeito da identidade nacional, o que implica afirmar que esses dois níveis de análise não se opõem, mas apenas procuram entender como a nação forja o seu destino (Oliveira, 1990).

Em terceiro, há que se considerar que, se nas primeiras décadas da República o debate em torno da questão nacional amplia-se, a partir dos anos 20, adquire novos contornos, possibilitando que o ano de 1922 transforme-se em um ano emblemático no que diz respeito a esta problemática.

Nele, o país se prepara para comemorar o centenário da Independência, o Partido Comunista Brasileiro é fundado, ocorre a primeira manifestação tenentista e, em São Paulo, organiza-se a Semana de Arte Moderna. No Rio de Janeiro, Carneiro Leão é o responsável pelas primeiras tentativas de implementação do ideário escolanovista nas escolas da cidade.

Dentre esses acontecimentos, destaca-se a Semana de Arte Moderna, que traz à tona uma importante discussão para a definição dos rumos do projeto de modernização nacional que se desejava implantar no país, mas que, ao mesmo tempo, produz uma argumentação que desqualifica qualquer contribuição oriunda de solo carioca.

Os intelectuais paulistas, ciosos de sua posição vanguardista, ao se interrogarem acerca do significado da arte e da cultura nacionais, defendem que, se em 1922 o que está em jogo é uma idéia de modernização a partir de certos parâmetros que devem ser importados do exterior (mas que propiciariam a incorporação do Brasil ao contexto internacional, em 1924, com o Manifesto da Poesia Pau-Brasil, publicado por Oswald de Andrade), o que prevalece é a necessidade de se produzir uma cultura brasileira autêntica, que deve inspirar-se em seus próprios caracteres musicais, literários e artísticos para, assim, poder ser exportada.

Enquanto em 22 enfatiza-se a necessidade de o Brasil introduzir-se à nova ordem urbana e industrial, isto é, ao mundo da racionalidade, onde é moderno tudo o que é civilizado e cosmopolita; em 24, moderno é ser brasileiro, é tudo aquilo que marca a nossa diferença e a nossa singularidade, devendo, por isso, ser exportado.

São Paulo passa a ser considerada, pelos modernistas paulistas, a cidade que melhor expressa os novos padrões de modernidade nacional. Segundo Mário de Andrade, Oswald de Andrade e Menotti Del Picchia, São Paulo é a nação (Motta, 1992) porque é industrializada, habitada por todos os tipos de raças, voltada para o interior e berço dos bandeirantes, primeiros desbravadores nacionais. Enfim, possui as qualidades para irradiar o novo padrão nacional que o Brasil deveria passar a adotar.

Entretanto, esse regionalismo, como já foi dito anteriormente, é fabricado a partir de um processo de desqualificação do Rio de Janeiro que, até os anos 20, era tido como a utopia da nação. Utopia essa, que os paulistas começam a identificar com os males da República falida e corrupta, com o artificialismo característico dos balneários e com um tipo de organização social que prima pela espontaneidade e não pela organização formal e institucional.

De acordo com esse modelo em que São Paulo é a nação e o Rio de Janeiro é a antinacção (idem), percebe-se uma concorrência entre dois estilos de vida, que pode ser entendida como uma disputa entre frações de classes dominantes que lutam para impor as suas significações e ampliar a sua força no intrincado jogo do poder. Se o Rio de Janeiro deixa de ser um pólo econômico importante, mas continua sendo o centro decisório da luta política do país, São Paulo, ao consolidar o seu parque industrial, vai precisar cada vez mais do apoio do Estado nacional, cuja organização burocrática encontra-se em solo carioca.

Além desses regionalismos, que almejam tornar-se a síntese da alma nacional, surgem outros, que aqui não exploraremos, mas que também tentam, através de uma série de justificativas, falar em nome da nação. Todos buscam, nas suas experiências históricas, a fundamentação de seu discurso (Oliveira, 1982).

Dessas observações, portanto, fica claro que pertence aos intelectuais (cujas filiações política e filosófica, origem de classe, religião, gosto artístico e cidade onde constroem a sua identidade variam) a responsabilidade da fabricação de um pensamento social

que, de um modo ou de outro, forma a alma nacional brasileira, nas primeiras décadas da República.

No entanto, apesar das desqualificações dos modernistas paulistas, o Rio de Janeiro não pode deixar de ser considerado um locus privilegiado para a análise desta problemática, posto que as suas reformas, tanto urbanas quanto pedagógicas, são um exemplo de como se esforçava para disseminar, em seu espaço, os novos valores nacionais. Enquanto sede da Capital da República nos anos 30, o antigo Distrito Federal, com certeza, possui elementos indispensáveis para que, em seu interior, seja produzido esse novo padrão nacional que tenta, de formas variadas, espriar-se por todo o território brasileiro.

Nesse sentido, a despeito dos intelectuais paulistas, a especificidade dessa situação a coloca, durante as primeiras décadas do século XX, como a própria síntese do nacional. Torna-se um documento dessa época, constituindo-se como o exemplo mais bem acabado de um dos moldes nacionais que se desejava implantar no país. As reformas pelas quais é obrigado a passar indicam a constituição de um novo bloco no poder, que encontra, em seu cenário carioca, as condições para a realização de seus projetos modernizantes, civilizatórios, populares e/ou autonomistas.

Isto significa que a cidade, enquanto um microcosmo do nacional, expressa a maneira como o poder público impõe-se aos particularismos sociais e culturais que, aos poucos vão esfacelando-se frente à luta civilizadora. O Estado, nesse caso, ao sobrepor-se à pluralidade da população carioca, faz com que a história dessa cidade seja a história de uma nação que é construída pelo próprio Estado, e não pela ação autônoma da sociedade que o compõe.

Junto com o poder público, são os intelectuais cariocas que, agrupados das mais diversas maneiras, comandarão este processo de modernização da cidade. Enquanto alguns, no campo das artes e da literatura, estão na Associação Brasileira de Letras, procurando torná-la o centro da cultura nacional, outros, atentos ao aprendizado das ruas, como Villa Lobos, inseriam em suas obras componentes desse universo popular.

Se estes últimos intelectuais optam por atuar com o intuito de aproximar a cultura erudita da cultura popular, existiria ainda uma outra parcela que buscava uma ação política mais explícita que não só se profissionaliza como, também, por meio de

seu conhecimento específico, procura influenciar a nação, tornando-se a primeira geração de intelectuais a assumir um papel de destaque no interior do Estado; gerando, nesse momento, uma ligação constitutiva entre cultura e política.

Enquanto profissionais da ciência, pensam o Brasil a partir do saber médico, pedagógico, sanitarista e urbanístico que, incorporado pelo Estado, tem o intuito de remodelar a cidade por meio, inclusive, da orientação da vida privada da população. Frente a essa situação, as ruas da cidade marcham em direção a uma nova civilização que prioriza uma educação estética e pedagógica (Veiga, 2000), que procura fixar, em sua população, novas atitudes e comportamentos.

Portanto, se houve algum tipo de disputa entre os homens das letras e os profissionais da ciência é porque existiam diferentes propostas de ser moderno e, principalmente, formas variadas de como esses mesmos intelectuais deveriam posicionar-se frente à sociedade, à cultura e ao Estado. Mas uma coisa é certa: a urbe remodelada não se tornaria realidade se não fosse o pensamento e a ação dos intelectuais da ciência que vêm, na educação da população, a chance para ela, e a própria cidade, deixarem de ser atrasadas, pobres e analfabetas.

O Rio de Janeiro nos anos 30 procurará, especificamente, realizar este projeto sob o governo de Pedro Ernesto. As suas reformas para o ensino e para a saúde procurarão, de acordo com as novas diretrizes, conduzir a Capital da República rumo ao progresso. Mas um progresso cuja modernização, por não se basear apenas no embelezamento da cidade, mas na melhoria do atendimento assistencial da população, teria um viés mais popular e autonomista, mas que não sobrevive ao golpe de 37.

Contudo, se este texto não pretende aprofundar as questões relativas ao projeto político de modernização do antigo Distrito Federal, durante a gestão de Pedro Ernesto, ressaltará o papel da reforma pedagógica em uma de suas escolas experimentais que, justamente, procura transformar as atitudes, tanto sociais quanto estéticas e higiênicas de seu público, com vistas a uma futura mudança comportamental de sua própria população.

A Capital Federal, nestes termos, através da reforma educacional de Anísio Teixeira, passa a cumprir um papel de destaque na tentativa de tornar o Rio de Janeiro uma

cidade modelo no que diz respeito à valorização de determinados padrões, tanto morais quanto estéticos.

Escola, cidade e nação mesclar-se-iam de tal modo que, apesar das especificidades de cada um desses espaços de sociabilidade, produzir-se-iam, mutuamente, criando e recriando um Estado republicano mais moderno e condizente com o novo molde civilizador. Enfim, esses locais, ao articularem-se, gerariam uma rede de acontecimentos que, entrelaçados, determinariam a própria condição de sua existência.

Dentro da ordem e da harmonia, conduziriam a população em direção à modernidade. A reforma anisiana, uma fiel representante dessas idéias, conseqüentemente, procurará não só implementá-las nas escolas cariocas, mas as adotará, segundo os preceitos políticos do liberalismo, da pedagogia escolanovista, da ciência e da cultura, tanto clássica quanto nacional, passando assim a contribuir para que Capital Federal, o mais rapidamente, forje em seus limites a tão almejada modernidade nacional.

A ação pedagógica de Anísio Teixeira nas escolas experimentais, nesse caso, voltar-se-á para a reformulação dos métodos de ensino, a redefinição do tempo e dos espaços escolares e a valorização dos princípios científicos, da educação física, do belo e da idéia de pátria.

Portanto, está partindo-se da hipótese de que, através do trabalho pedagógico das escolas experimentais, a cidade do Rio de Janeiro, nos anos 30, acelera a sua entrada na modernidade, podendo então se tornar a própria síntese do que de mais moderno se desejava ver concretizado em território nacional.

2- A formação de hábitos cívicos, sadios e belos

Se se parte da premissa de que a escola é uma instituição social que expressa a relação de força do campo social e cultural em que se encontra, pressupõe-se que esse mesmo espaço escolar também tenha se transformado em um espaço produtor e difusor de certos valores que concorreram para a construção da nação, na década de 30.

E se o país precisava enquadrar-se às novas exigências sociais, a escola também teria que se emoldurar de acordo com essas mesmas necessidades, contribuindo para

fomentar um modelo nacional que estruturar-se-ia, entre outras coisas, através de novos padrões tanto de gosto quanto de cidadania.

Rigorosamente dentro desses parâmetros, a Escola Argentina reorganiza-se para tornar-se pólo difusor desses padrões no antigo Distrito Federal, procurando, por meio de uma ação pedagógica eficaz, converter o habitus (Bourdieu, 1989) escolar de seus alunos a fim de que entrassem em contato com os princípios científicos, a literatura, a música e a educação física. Todo esse movimento, contudo, é aqui analisado como sendo parte de um processo de imposição de um arbitrário cultural que se define como dominante, já que se organiza segundo o gosto e o comportamento de um grupo social específico – os intelectuais – que, devido a sua força simbólica, impõe as suas significações como legítimas (idem).

Neste caso, os padrões, tanto sociais quanto estéticos que o projeto de modernidade nacional quer ver implantados no país, expressariam um gosto e um comportamento que são de classe.

Conseqüentemente, se a Escola Argentina, através da reforma anisiana, é vista como um espaço de vivência e experimentação dos valores democráticos, também pode ser considerada como um lugar que institui padrões de controle que visam a consolidação de certos hábitos cívicos, sadios e belos, que teriam a função de incrementar a modernização nacional idealizada por um certo grupo de intelectuais da ciência.

As disposições éticas e estéticas, produzidas pela escola, então são compreendidas como algo que tem um significado social, e o gosto por ela valorizado, nas aulas de auditório e de biblioteca, passaria a ser compreendido como alguma coisa que hierarquiza e classifica as posições e as trajetórias dos agentes, na estrutura das classes sociais, separando-os ou unindo-os em função de suas preferências sociais.

Portanto, os espaços de sociabilidade da escola podem ser percebidos como lugares de aprendizado, onde os seus professores, legítimos representantes dos valores modernos que se desejava implantar, procurariam incutir as novas regras de civilidade e de estética, podendo assim a escola vir a contribuir para o aniquilamento daquelas idéias que pudessem manter o Rio de Janeiro e os seus agentes apartados do processo de modernização nacional.

Resta agora identificar esses valores cívicos, sadios e belos que a Escola

Argentina trata de estimular em sua população escolar.

O “cidadão eficaz”

Das páginas do jornal percebe-se que a escola cultuava a nação, as boas maneiras e a civilidade. Procurava que os alunos, “bem formados”, pudessem contribuir para a transformação de sua cidade, quiçá de seu país. Da Escola Argentina, enfim, pulsava um estilo de vida que, poder-se-ia dizer, era aquele idealizado por um Brasil que acabara de redefinir-se política, social e culturalmente.

O Código do bom aluno, publicado no artigo Da campanha contra a vadiação, na edição de set/out de 1932, explicita as atitudes indispensáveis que esse aluno deve possuir:

1. Ter boas maneiras (falar baixo, guardar silêncio na fileira, caminhar corretamente);
2. Interessar-se pelas lições;
3. Interessar-se pelas instituições escolares (Caixa Escolar, Círculo de Pais, a Revista escolar, etc);
4. Ter o maior cuidado com o vestuário;
5. Ter o maior cuidado com o asseio pessoal (rosto, mãos, cabelos, unhas e dentes);
6. Zelar pelos objetos do uso escolar;
7. Zelar pela casa;
8. Economizar o material;
9. Ser assíduo (serão justificadas somente duas faltas por quinzena para cada aluno);
10. Ser franco e verdadeiro;

enquanto que o artigo Círculo de Pais na Escola Nova, de mar/abr de 1933, nomeia de cidadania eficaz a postura daquele que cumpre o código.

Além disso, do artigo Da campanha contra a vadiação, publicado no mesmo ano, é possível detectar as várias estratégias que a escola utilizava para impor aos seus alunos esses mesmos padrões de comportamento acima descritos:

Em todas as salas serão feitas diariamente preleções em prol do estudo, da disciplina, visando sempre o estímulo da criança para um futuro brilhante na Escola. Nas salas de Linguagem os assuntos escritos versarão sobre a vadiação, a aplicação, a obediência, o respeito, o patriotismo, tudo enfim que lembra à criança o caminho do Bem.

Sob a responsabilidade da professora encarregada da escrituração, serão instituídos o “Diário da turma” e o “Diário da professora”. No primeiro, sempre que a turma passar pela sala, de acordo com o horário, será registrado o trabalho do dia. No segundo, a professora registrará as observações então feitas em consideração às “obrigações” do “código do bom aluno”, tendo o cuidado de destacar os melhores alunos. Estes farão jús a um elogio oficial.

Sob a responsabilidade de D. Dulce Velho será levantado o “Gráfico da escola” baseado no comportamento revelado pelas turmas durante a quinzena. Nesse gráfico, cada turma terá uma coluna de 200 pontos. A falta de cumprimento de qualquer das “obrigações” do “código do bom aluno”, importará na perda de meio ponto por aluno.

A quinzena será encerrada festivamente, cantando os alunos, no pátio: “Estudai, estudai”, “Despertar” e o Hino Nacional.

Os resultados obtidos constituirão fatores para inscrição nas listas dos candidatos à promoção a serem feitas na segunda quinzena de outubro. [itálico do próprio texto]

O que se nota é que a Escola Argentina, enquanto uma escola modelo, também possuía o perfil de um aluno modelo que seria absorvido, não só através das ações disciplinares acima descritas, mas também por meio do seu engajamento nas diversas campanhas escolares que estimulavam a solidariedade e a cooperação.

Nesse caso, a cidadania eficaz compor-se-ia tanto pela absorção dos hábitos disciplinares acima, quanto pela assimilação dos valores sociais referentes ao amor ao próximo. Um misto de severidade, conservadorismo, cordialidade e assistencialismo deveriam compor a personalidade desse novo tipo de cidadão.

O prato de sopa é uma dessas atividades que, mantida pelo Círculo de Pais e a Caixa Escolar, procurava formar o caráter dos alunos, tentando mostrar a importância de ajudar-se aos mais necessitados. Buscava engajar as crianças na benemérita ação, com o altruístico fim de alimentar, com um prato de sopa, aqueles que a sorte não favoreceu.

O texto de Nysia Nóbrega, publicado na edição de julho de 1930, mostra como esse tipo de ação comove os alunos, que se sentem lisonjeados e gratificados por poderem ajudar ao próximo. Suas palavras, carregadas de emoção, demonstram o quanto a escola conseguia alcançar o seu objetivo que era o de formar cidadãos eficazes:

Tendo sido designada por minha professora, D. Alice D'Angelo, que é encarregada da distribuição da sopa, para servi-la, tive o ensejo de admirar a alegria que sentem as criancinhas pobres, ao aquecerem o estômago com o são alimento.

Seus olhinhos brilham de satisfação, ao se lhe apresentar o prato da sopa fumegante. Distribuem-se cerca de oitenta e um pratos de sopa em cada turno, num total de 162 pratos diários...

Trabalhem, pois colegas a quem a fortuna mais favoreceu, para que nunca falte aos nossos irmãozinhos pobres o conforto dessa instituição.

O vínculo da escola com as obras da Pró-Matre é um outro exemplo do quanto os alunos encontravam-se engajados nos projetos assistencialistas. Com a finalidade de costurarem para as crianças dessa instituição, eram obrigados a entrar em contato com um tipo de vida que não conheciam e, ainda, estariam ajudando os mais desvalidos. Ou seja, a escola procurava fazer com que os alunos fossem solidários, exercitando a solidariedade.

Uma outra maneira de despertar esses sentimentos seria por meio da dramatização de fatos históricos. A libertação dos escravos é teatralizada para comover a platéia da escola, que deve identificar-se com a “bondosa” princesa Isabel:

No dia 13 de maio D. Flora fez uma dramatização no auditório.

Chamou Déa Pereira para ser a princesa Isabel e o Edgard para ser D. Pedro II

D. Pedro II era o pai da princesa Isabel. D.

Flora dividiu a turma em duas porções: de um lado ficaram os portugueses e do outro ficaram os escravos...

A princesa Isabel ficou com pena dos escravos. No dia 13 de maio de 1888 ela libertou os escravos.

Quando Déa libertou os cativos todos nós batemos palmas (mai/jun. de 1932).

Um outro aspecto a ser ressaltado e que também contribui para a formação de certos comportamentos nos alunos diz respeito ao amor que devem ter pelo continente americano, na medida em que são ensinados a amar os seus heróis, a trabalhar pelas causas humanitárias do continente e a ter uma vida política e social participativa.

A escola, constantemente, divulga os objetivos do pan-americanismo, exaltando a paz em solo americano por meio de concursos de redação e festejando as datas de libertação desses países. Os alunos, curiosamente, homenageiam o continente declamando em espanhol, visitando e participando de exposições de trabalhos dos clubes pan-americanos, organizados pela seção “Paz na escola”, da Diretoria de Instrução e inauguram, em julho de 1935, o seu próprio Clube Pan-americano.

Essas considerações acerca da cidadania eficaz demonstram que a Escola Argentina estimulava o patriotismo, os bons costumes e a civilidade. Mostram que ela, ao procurar disciplinar os seus alunos a partir desses valores, estaria perseguindo o mesmo fim que a nação e assim contribuindo para que a própria Capital Federal se transformasse em um baluarte do novo símbolo nacional.

O cultivo do gosto

A Escola Argentina, ao cultivar o gosto em seus alunos, acreditava que, por meio das atividades, tanto da biblioteca quanto do auditório, pudesse proporcionar aos menos

afortunados um maior contato com a arte a fim de que seu ethos pudesse, através da escola, minar a própria sociedade que, assim, tornar-se-ia mais culta, refinada e sofisticada.

A reportagem de Osório Dutra, publicada no Diário de Notícias em 14 de janeiro de 1934, sob o título de A formação e o cultivo do gosto, além de mostrar a importância da operacionalização desse valor na escola, refere-se à relação educação/família:

O cultivo do gosto é um dos fatores que mais fortemente operam na formação do nosso espírito. Daí a necessidade de que ele nos seja revelado desde a mais tenra idade, por intermédio dos atos, dos gestos e dos conselhos de quantos se incumbem da nossa guarda. O menino que se cria em completa liberdade, recebendo educação falha e defeituosa, dificilmente poderá ser um homem dotado de qualidades invulgares. Assim também o que vê desabrochar a sua mocidade numa casa sem higiene ou sem moral, rodeado de pais indiferentes ou pouco escrupulosos. Esse só vencerá a custa de uma vontade prodigiosa e, sobretudo, de muita dignidade. A criança, para que a sua inteligência se desenvolva com proveito e segurança, precisa que o seu gosto se apure a pouco e pouco, se possível, desde o berço. Gosto pelas cores, que a cercam, gosto pelos seus brinquedos, gosto pelos seus estudos, gosto pela alegria e pela beleza da vida!

Procurando elevar a alma das crianças através da modelação de seus sentidos, a educação estética ainda despertaria para a civilidade e incentivaria a construção de um sujeito autônomo, individualizado e racionalizado:

Sustenta[ria] e equilibra[ria] todas as inquietudes humanas, dando-lhes o máximo de poder e o máximo de controle, desenvolvendo todas as energias, e dominando-as todas, e concedendo ao indivíduo esse dom de ser dono de si mesmo, que é o sentido da libertação e o verdadeiro nome da felicidade. (Diário de Notícias - Coluna Página da Educação, edição de 20 de março de 1932).

As aulas semanais, na biblioteca, possibilitavam que os alunos tivessem um contato permanente com a literatura. E, se na edição de jul/ago de 1933, é comunicado que apenas após um mês de existência, a biblioteca já contava com um acervo de 150 livros, pois Anísio Teixeira havia doado a coleção de Monteiro Lobato e Juan

Albertotti, presidente do Clube Argentino, havia presenteado a escola com o Tesouro da Juventude, na edição de set/dez de 1934, é publicada uma lista com os livros mais lidos pelos alunos; o que demonstra que a escola conseguia cumprir com o seu objetivo: desenvolver nos alunos o gosto pela leitura.

Os livros, que pertencem tanto à literatura internacional quanto nacional, são os seguintes. Do primeiro turno: a) segundo ano: Jeca Tatuzinho, Sacy, No reino da Bicharada, O garimpeiro do rio das Garças, Contos de Grim; b) terceiro ano: Jeca Tatuzinho, Vida na roça, Pinochio, O garimpeiro do rio das Garças e Sacy; c) quarto ano: Jeca Tatuzinho, O garimpeiro do rio das Garças, A galinha dos ovos de ouro, Ali-Babá e os quarenta ladrões e o Gato de botas; e d) quinto ano: Alice no país das maravilhas, Pinhochio, Jeca Tatuzinho, A princesa Rosita e O garimpeiro do rio das Garças.

Em relação ao segundo turno, destacam-se alguns outros livros de Monteiro Lobato (Emília no país da gramática, Caçada da onça, Reinações de Narizinho, História do mundo para as crianças e Caçada de Pedrinho), Menotti del Picchia (Viagem de João Peralta e Pé de Moleque), José de Alencar (Iracema e O guarani) e da Condessa de Segur (O albergue do anjo da guarda e Ursão).

O livro, segundo o discurso da aluna Ilka Ferreira durante a Festa do Livro em

1933, deveria tornar-se algo mais importante do que a peteca, a boneca ou a própria bola. Deveria ser tratado com carinho e atenção, já que seria por meio dele que as crianças seriam introduzidas ao mundo encantado das aventuras, dos romances e da poesia.

Uma outra demonstração de que a escola procurava desenvolver o gosto dos alunos é a criação do Clube Literário Monteiro Lobato, em 1933. Através de suas atividades, as crianças eram incentivadas a ler, escrever poesias e recitar seus próprios poemas nas festas.

A música e a pintura também eram atividades artísticas presentes na escola. Os artigos do jornal comprovam que as crianças iam tanto ao Teatro Municipal, assistir aos Concertos para a Juventude, quanto aos museus conhecer as obras dos pintores brasileiros.

Exemplar é o artigo As professoras do Orfeão, publicado na edição de set/out de 1933, sobre os ensaios do coro da escola para a visita que o presidente da Argentina faria à escola:

Nós ficamos cansados, mas as professoras ainda mais, pois além de cantar tinham que gesticular marcando o compasso.

O ensaio do “Trenzinho” foi muito engraçado. Custamos a acertar a marcha do trem a três vozes.

De vez em quando o trem descarrilava.

Dois dias antes, porém, o maestro Villa Lobos, Chefe do serviço de música veio a nossa escola e encontrou-nos bem ensaiados pela professora do Orfeão.

Nem era de esperar outra coisa, pois elas foram incansáveis, dedicadíssimas, empenhadas no resultado brilhante desse lindo trabalho.

As artes deveriam, enfim, educar os jovens. Mesmo à custa de muito “cansaço” era preciso desenvolver comportamentos e formas de conexão entre os pequenos cidadãos da escola e os novos valores estéticos fomentados pela nação, que necessitava dos mais variados espaços transformados em lugares de aprendizagem para, assim poder, de forma mais abrangente, reformar o seu próprio povo.

Os hábitos sadios

Ao longo das edições do jornal percebe-se uma preocupação da escola com relação à saúde e a higiene. Modelados pela Higiene, vários artigos procuram prevenir seus leitores contra o fumo, a bebida e todo e qualquer vício que pudesse impedir um crescimento pleno e saudável, mostrando o quanto o espaço escolar encontrava-se ligado a uma visão médica que, justamente, constituía-se para reformar os hábitos e comportamentos da população (Gondra, 2000).

A Revista Escola Argentina indica que, se as aulas eram recheadas pelas recomendações dos professores acerca da necessidade de manter-se uma boa saúde, as solenidades também eram utilizadas para reforçar essa mesma lição.

O Pelotão da Saúde é o melhor exemplo desse tipo de ação disciplinar do corpo. Sob a responsabilidade dos alunos teria que, diariamente, inspecionar os demais alunos, tentando verificar a limpeza dos dentes, das unhas, do corpo e do uniforme. E como a escola procurava enaltecer aqueles que cumpriam essas recomendações, ser escolhido para participar dessa instituição era visto com honra e distinção. Fazia com que os seus membros se sentissem os próprios porta-vozes das lições que a escola desejava incutir. Os escolhidos se reconheciam e eram reconhecidos como um grupo que falava em nome da escola e que, por isso, deveriam ser respeitados. Exemplos são o discurso da aluna Maria Auxiliadora, durante a solenidade de passagem da braçadeira do pelotão:

Nos preceitos da higiene repousam a saúde e o progresso. Como podemos ser amigos do Brasil e do seu progresso, se não tivermos hábitos sãos, se não tivermos saúde?

Como defender o nome de nossa pátria querida se formos fracos e débeis e não tivermos força bastante para repelir o agravo e o ataque?

Sejamos bons! E teremos feito muito pela grandeza do Brasil amado! Mais uma vez, obrigada pela braçadeira que prometemos honrar.

Portanto ter saúde, higiene e boa aparência ultrapassava o âmbito da escola. Eram qualidades almejadas por um novo Brasil que desejava modernizar-se e alcançar um modelo de cidadão baseado nessas mesmas qualidades.

Vale a pena reproduzir a poesia de Roberto Flores, o poeta do segundo turno, intitulada Saudação ao Clube de Saúde, que traduz a função pedagógica dessa instituição escolar:

Ao novo Clube de Saúde
Ofereço esta poesia

Afirmando, com certeza,
Sua grande serventia.

A saúde e a higiene
São ao país necessárias.
Devem ser cultivadas
Nas escolas primárias.

Como soldados valentes
De porte firme e varonil
Lutemos pela saúde
Dos meninos do Brasil.

Procurando estimular esses novos hábitos nos alunos, a escola promove um concurso de robustez, no final do ano de 1932 e, ainda, cria um Clube Esportivo a fim de que as crianças pudessem praticar esportes e manter o corpo e a mente sãos.

Essas iniciativas, entretanto, tornam-se mais viáveis após a constituição da Superintendência de Educação Física, Recreação e Jogos que procurava desenvolver novos hábitos corporais nos alunos através do estímulo não só da educação física, mas do aprendizado das danças regionais, dos jogos e brincadeiras. Enquanto matéria obrigatória visava à constituição de um tipo físico ideal que expressava o próprio modelo do homem ideal da República.

Pode-se perceber que a educação de hábitos cívicos, belos e sadios implicou a promoção de valores tanto morais quanto estéticos, físicos e higiênicos que, em última instância, constituíam o próprio substrato da cultura nacional que, nos anos 30, encontrava-se em reformulação.

Considerações finais

A Escola Argentina, através de determinados dispositivos morais, sociais e culturais, mostra o quanto à educação escolar no antigo Distrito Federal expressava o próprio molde nacional que se desejava disseminar no país. Chama a atenção para o fato de que o seu espaço, ao tornar-se um lugar de aprendizagem, não apenas transforma os

seus alunos em fieis escudeiros dos novos valores nacionais, mas, principalmente, faz que se sintam investidos por uma autoridade – daqueles que dominam os novos códigos sociais – que, ao conferir-lhes uma distinção, os coloca como agentes aptos para irradiarem, pelos espaços por onde circularem, o mesmo ethos proclamado pela nação.

Nesse caso, se se retoma Bourdieu (1979), pode-se acrescentar a idéia de que a Escola Argentina funcionava como um mercado de bens simbólicos, que procurava ajustar a performance de seus alunos aos novos padrões da época, reforçando o que seria aceitável e desqualificando aquilo que não seria aceitável socialmente.

E, na medida em que a escola acreditava na importância desses valores, estaria possibilitando que seus alunos obtivessem um *sens du placement*, que significa, segundo Bourdieu, agir de acordo com um certo sentido de conveniência, que é definido socialmente. Ou seja, aqui novamente reforça-se a idéia de que o projeto de modernização nacional que vinga é aquele que expressa o gosto e os valores de uma fração específica que, na época, pôde ser identificada como sendo a de um grupo de intelectuais que, investidos de uma missão política, acreditava que deveria disseminar, através do Estado, tanto o seu gosto quanto os seus valores, para a totalidade da sociedade brasileira.

Nesse caso, este trabalho pressupõe que a escola transforma-se em um verdadeiro porta-voz dos novos padrões de modernidade nacional. Acredita, ainda, que ela tenha consciência do seu papel social, no sentido de contribuir para a emolduração da nova alma nacional.

Portanto, o texto procurou destacar que a Escola Argentina, através da reforma pedagógica de Anísio Teixeira, alia-se aos intelectuais especialistas e, por meio de sua autoridade, estimula em seu interior o desenvolvimento dos mesmos hábitos cívicos, sadios e belos, proclamados pela nação.

Referências Bibliográficas

BOURDIEU, Pierre, (1989). O poder simbólico. Lisboa: Difel.

_____. (1979). La distinction. Paris: Editions de Minuit.

- ELIAS, Norbert, (1994). A sociedade dos indivíduos. Rio de Janeiro: Ed. Zahar.
- GOMES, Ângela de Castro, (1999). Essa gente do Rio...Modernismo e nacionalismo. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas.
- GONDRA, José, (2000). Medicina, higiene e educação escolar. In: LOPES, Eliane Marta; MENDES Luciano & VEIGA, Cynthia Greive (Orgs.). 500 anos de educação no Brasil. Belo Horizonte: Autêntica. p. 519-50.
- HOBBSAWM, Eric, (1998). Nações e nacionalismo desde 1780. São Paulo: Paz e Terra.
- MOTTA, Marly Silva da, (1992). A nação faz 100 anos. A questão nacional no Centenário da Independência. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas.
- OLIVEIRA, Lúcia, Lippi, (1990). A questão nacional na Primeira República. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas.
- _____. (1982). As raízes da ordem: os intelectuais, a cultura e o Estado. In: A Revolução de 30. Seminário Internacional. Brasília: Universidade de Brasília, p. 507-24.
- PÉCAUT, Daniel, (1990). Os intelectuais e a política no Brasil. Entre o povo e a nação. São Paulo: Ática.
- VEIGA, Cynthia Greive, (2000). Educação estética para o povo. In: LOPES, Eliane Marta; MENDES, Luciano & VEIGA, Cynthia, (Orgs.). 500 anos de educação no Brasil. Belo Horizonte: Autêntica, p. 399-422.